

A OLARIA RENASCENTISTA DE SANTO ANTÓNIO DA CHARNECA – BARREIRO

A LOUÇA DOMÉSTICA

LUÍS BARROS Câmara Municipal de Almada

LUÍSA BATALHA Arqueóloga

GUILHERME CARDOSO Assembleia Distrital de Lisboa

ANTÓNIO GONZALES Arqueólogo

RESUMO Dos finais do século XV aos inícios do seguinte, laborou em Santo António da Charneca, Barreiro, uma olaria que produziu cerâmica fosca e vidrada de qualidade, com pastas de argila vermelha e branca, locais.

O relatório formal ali produzido, mostra-nos uma panóplia de peças que vão da cerâmica industrial, da qual já apresentámos um estudo sobre as formas de pão de açúcar, até à utilitária doméstica que agora tratamos mais pormenorizadamente.

A proximidade de um dos esteiros do Tejo, a cerca de um quilómetro, possibilitava o escoamento da sua produção através da via fluvial e posteriormente marítima.

PALAVRAS-CHAVE Rejeitados, vidrado, doméstica, olaria, cerâmica

1. INTRODUÇÃO

A mais recente abordagem, sobre os fornos de Santo António da Charneca, pretende trazer à estampa os últimos resultados do estudo que vem sendo efectuado ao longo destes anos e que devido ao volume de espólio em análise, se tem mostrado moroso, embora gratificante.

Trata-se de um contributo, sobretudo de carácter tipológico, dado que, no decorrer do nosso estudo, nos vemos surpreendidos pela diversidade de formas.

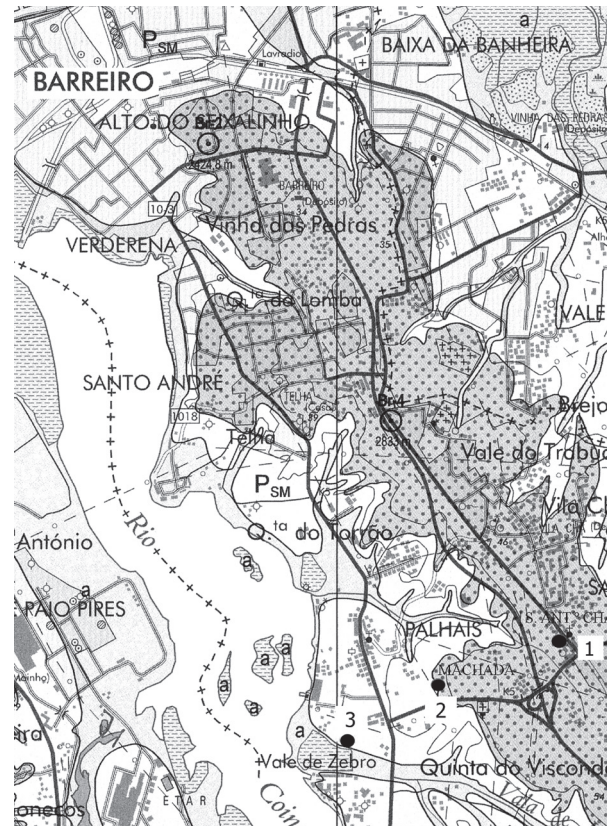
Nesta apresentação, teremos em conta, a forma, a funcionalidade e a decoração, as características das pastas, o tipo de cozedura, bem como as técnicas utilizadas.

Consideramos ainda de primordial importância, realçar o papel da produção oleira, no contexto pré-industrial nos séculos XV-XVI na região do Barreiro, bem como, o seu subsídio para o melhor entendimento das técnicas e tipologias destes centros produtores.

2. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO

Situada sensivelmente a trinta quilómetros de Lisboa, na margem Sul, localiza-se a vila do Barreiro. Pela interpretação toponímica, facilmente se depreende que deve o seu nome aos abundantes barreiros ali existentes, que possibilitaram a extracção de argila e conseqüentemente a instalação de várias olarias, de

que são exemplo, a Mata da Machada e Santo António da Charneca. Estas, localizadas próximo da margem esquerda do Tejo, facilitaram o escoamento da produção de cerâmica para outros destinos.



1. Carta geológica de Santo António da Charneca.

Foi o caso do fabrico de placas de biscoito (vindas da tradição islâmica das placas de pão), para a produção daquele alimento, fundamental na dieta dos marinheiros portugueses. Assim se explica que a fábrica de biscoito de Vale de Zebro se tivesse desenvolvido como uma das principais indústrias da região, uma vez que produzia não só para o mercado interno, mas também para as guarnições das colónias.

O Barreiro e o seu termo foi uma região que beneficiou, na época Moderna, da proximidade a Lisboa. As facilidades de escoamento dos seus produtos através das linhas fluviais levaram à instalação de várias manufacturas no seu território. Esta vocação manteve-se ao longo dos séculos, conhecendo o seu auge de produtividade na segunda metade do século XX. Por outro lado, as unidades de produção ali situadas, interagiam entre si, de modo a que, diminuída a distância aumentassem as vantagens económicas.

A zona ribeirinha em que se insere o Barreiro apresenta uma continuidade geográfica, com as mesmas características morfológicas. Esta foi uma região onde a agro-pecuária teve uma importância acrescida. Estamos a falar de pomares e de vinha, esta última, com carácter intensivo. Vários documentos atestam a qualidade das suas produções, bem como a sua exportação para a Flandres e Alemanha, onde estes vinhos eram muito apreciados (Nabais, 1984, p. 52).

Também a pesca ocupava as gentes ribeirinhas, levando-as, não só a explorar as espécies piscícolas do rio, mas ainda à actividade piscatória junto à costa.

Por outro lado, a margem esquerda do estuário do Tejo, proporcionava uma mais-valia traduzida no intenso coberto arbustivo. Dali partiam diariamente em direcção à capital, barcos carregados de lenha e carvão, provenientes das matas de pinheiros, algumas pertencentes às quintas e conventos da região, cuja exploração se mostrou fundamental na construção naval. Não podemos esquecer que foi a partir dos estaleiros navais do Barreiro, que se construíram as naus da primeira viagem da Índia e que foi ainda a abundância desta matéria – prima, que fez surgir fornos com produções diversas (Nabais, 1984, p. 60).

Assim, o Barreiro viu nascer pequenas unidades fabris que deram um importante contributo para o seu desenvolvimento e que num contexto pré-industrial, forneceram Lisboa e regiões limítrofes de bens essenciais. Foi o caso das manufacturas de moagem de cereais, com produção muito significativa, dado o número de moinhos de maré que se foram instalando na zona estuarina, abastecendo de farinha a capital.

A proximidade dos fornos de biscoito de Vale de Zebro consumia na verdade boa parte da produção cerealífera. Esta manufactura, funcionando e tempo in-

teiro, exigia também, para além de uma mão-de-obra bem hierarquizada e especializada, um conjunto de serviços paralelos que contribuíssem e garantissem o seu funcionamento. Estes fornos, cuja construção se pensa remontarem a finais do século XV, visavam prioritariamente abastecer de biscoito as embarcações que cruzando os mares em longas viagens atingiam novos espaços geográficos.

Entre esses serviços, assume especial relevância a produção oleira: "*No período compreendido entre 1489 e 1496, teriam entrado nos fornos de Vale de Zebro 400 «formas de barro com seus poroos» e 160 «sinos de barro»* (Ventura, 2009, p. 14). É evidente que o texto refere formas de pão de açúcar e porrões, utensílios utilizados no fabrico do açúcar e não do biscoito, e mais à frente: "*Da conta mandada fazer a Afonso Monteiro em 1510, recebedor dos fornos de Vale de Zebro durante os anos de 1505, 1506 e 1507, constam também, de entre muitos outros objectos, 400 tigelas, quantitativo bastante expressivo da utilidade destes objectos na actividade diária da produção do biscoito...*". Noutro passo do seu trabalho, o autor reitera esta importância: "*Este tipo de panificação exigia a utilização de múltiplos utensílios de barro, nomeadamente as formas do biscoito, tigelas, lamparinas, barris e muitos outros recipientes que apesar da sua débil consistência, eram indispensáveis nas práticas diárias dos operacionais de fabrico.*" (Ventura, 2009, p. 15).

Para este autor, a manufactura oleira foi indispensável no apoio ao funcionamento dos fornos de Vale de Zebro, lembrando a proximidade dos fornos da Mata da Machada, omitindo, provavelmente por desconhecimento, os fornos de Santo António da Charneca ali tão próximos. Considerando o conjunto de placas e formas de pão de açúcar exumadas destas entulheiras, esta olaria contribuiu certamente com as suas produções, abastecendo igualmente os fornos de biscoito.

Segundo João José Alves Dias, citando Joaquim Veríssimo Serrão, durante o período de 1495 e 1580, foram criadas treze vilas, entre as quais a do Barreiro. O autor, refere ainda que D. Manuel I visitou este lugar em 1521, por o considerar "*...Tão acrescentada, sendo um dos mais principais assim como em povoação como em outras coisas...*" (Dias, 1988, p. 29-31).

Na verdade, depreende-se que o desenvolvimento deste lugar, muito provavelmente devido à instalação das novas unidades de produção, com o consequente aumento da população, criou nos seus moradores, o desejo de autonomia em relação à sede de concelho – Alhos Vedros. Deste modo, surgiu, a 16 de Janeiro de 1521, a Vila Nova do Barreiro (Dias, 1988, p. 31-32).

No numeramento de 1527, primeiro cadastro nacional, constam 131 fogos na vila do Barreiro, equiparado a

Alhos Vedros com 138. Nada de surpreendente, se tivermos presente os cerca de 1 337 000 habitantes em todo o território no início do século XVI (Rodrigues, Teresa Ferreira, 1993, p. 203). Um outro documento do primeiro quartel do século XVII, faz referência à vila do Barreiro, dando conta de uma freguesia, com duzentos e cinquenta fogos, nos quais habitariam setecentas e dez pessoas (Oliveira, 1620, p. 86-89). Este aumento demográfico é transversal a todos os outros concelhos, o que por si só, explica um crescimento populacional, compatível com o desenvolvimento proto-industrial da região, num período correspondente a sensivelmente cem anos.

3. A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA

A intervenção arqueológica no forno de Santo António da Charneca, no Barreiro, teve lugar em Março de 1997, após a abertura de valas para uma futura urbanização. O local da escavação ocorreu a Oeste dos muros da actual escola primária, prolongando-se até uma zona que actualmente serve de pasto a gado bovino, que confina com a via rápida do Barreiro e na qual, tudo indica existir um segundo forno, bem como vestígios de entulheiras.

A maioria do espólio cerâmico é proveniente de um barreiro de amassadura aberto no substrato geológico, composto por arenitos. O mesmo encontrava-se impermeabilizado com uma espessa camada de argila cinzenta esverdeada, resultante da sua intensa utilização.

Na rua de acesso à urbanização, surgiu, nas bermas, sob o alcatrão, uma camada de tijolos maciços, a qual não ofereceu de imediato uma leitura precisa. Foi uma testemunha que presenciando o início dos trabalhos, referiu o aparecimento junto à escola, de uma estrutura de tijolo. Esta foi arrasada e coberta com alcatrão, não restando dúvidas quanto a ser este o local do forno responsável pelos vestígios em seu redor.

Por outro lado, antigos moradores referiram a existência de uma "gruta" numa elevação, 100 m a Oeste da escola primária. Verificámos, tratar-se de outro forno, cuja boca, a "gruta", se encontra actualmente oculta, pelo escorrimento provocado por erosão atmosférica e animal, mas apresentando cerâmica em seu redor e estruturas de alvenaria seca.

Durante o processo de laboração, houve certamente a preocupação de manter limpo o local (assim o determinavam as posturas camarárias) e para tal, o mesmo barreiro que antes servira para amassar a argila, serviu posteriormente como depósito para as peças rejeitadas. Estas foram cuidadosamente armazenadas e cobertas com terra humosa.

Para além deste sector, classificado como sector A, a

que correspondem os quadrados 29 e 30 das sondagens efectuadas, foi identificado também o sector B, onde foram escavadas duas grandes bolsas, uma no sentido longitudinal e outra perpendicular à rua, abertas no substrato arenoso.

4. GEOLOGIA

A olaria de Santo António da Charneca, assim como a da Mata da Machada, ambas dos séculos XV-XVI, foram construídas sobre a formação geológica quaternária denominada Marco Furado. Nas cartas geológicas actuais, esta formação está representada por QMF, oscilando a sua cota entre os 30 e 60 m de altitude, na região delimitada pelas povoações de Barreiro, Palhais, Coia e Moita.

As camadas geológicas do Pliocénico dessa mesma região, apresentam argila que também poderia ter sido utilizada pelos Oleiros de Santo António da Charneca, tal como foi usada mais recentemente na zona da Moita por grandes olarias industriais.

A análise, por difractometria de raios X, das argilas e das pastas das produções daquela olaria, juntamente com o estudo da componente arenosa, permitiria obter mais informação sobre a origem provável dos barreiros utilizados.

É de salientar que a antiguidade da utilização das argilas desta região remonta já ao Neolítico. Na Ponta da Passadeira, foram descobertos vestígios indiscutíveis de uma olaria com 5.000 anos, instalada na zona ribeirinha, adjacente a um nível de argila verde do Quaternário recente.

Quanto à composição mineralógica, as argilas pliocénicas e as do Quaternário (QMF), distinguem-se por uma diferente percentagem de dois minerais seus constituintes: a ilite e/ou mica e a caulinite. As argilas oriundas de níveis pliocénicos, apresentam maior percentagem de caulinite, enquanto as das camadas quaternárias são mais ricas em ilite.

No referente aos teores de argila dos sedimentos pliocénicos, a percentagem desta não ultrapassa os 25%. Por sua vez a dos quaternários atinge os 50%.

Outra das características dos sedimentos da Formação do Marco Furado, é a presença de encouraçamentos ferruginosos, donde a cor vermelha das argilas, que por dissolução gradual do ferro vão mostrando descoloração acentuada.

5. AS PASTAS

A análise das pastas do espólio exumado dos vazadouros dos fornos de Santo António da Charneca apresenta características siliciosas. Os elementos não plásticos

são compostos por moscovite, pequenos nódulos de óxido de ferro, quartzo hialino, leitoso, róseo e defumado.

São pastas bem compactas, sujeitas a boa cozedura, daí a sua elevada dureza, ou nalguns casos de dureza média. Foliáceas, de grão médio, apresentam uma paleta cromática na sua maioria de tons claros que vão desde os rosados aos bege muito claro nas loiças de cerâmica vidrada, ou vermelhos e laranjas, no caso da cerâmica fosca.

6. TIPOLOGIAS

Quando analisamos o vasto conjunto de espólio cerâmico das entulheiras de Santo António da Charneca, falamos de refugo. Encontramos peças partidas, ou defeituosas, fenómenos ocorridos durante o processo de cozedura e manuseamento após o seu fabrico.

As entulheiras apresentaram grande variedade tipológica, desde loiça doméstica, até materiais de construção. Assim, no que concerne à loiça doméstica, encontramos, formas abertas, tais como: panelas, tachos, malgas, taças, tigelas, pratos, fogareiros, e bacios. Quanto às formas fechadas, identificamos: cântaros, bilhas, barris, potes e púcaros. Nos contentores de fogo, observam-se as candeias trilubadas de reservatório aberto e as de palmatória.

Quanto ao restante espólio, estes fornos produziram ainda, materiais de construção – telhas e tijolos; objectos de uso arquitectónico – azulejos; objectos de armazenamento e transporte de produtos sólidos – formas de pão de açúcar; objectos de uso complementar, como é o caso dos trempes e por último, placas de biscoito (pão).

No que respeita à loiça vidrada, esta sofria duas cozeduras. Neste caso de barro branco, por vezes rosado e com um acabamento tosco. Após sujeita a primeira cozedura, a loiça, era posteriormente vidrada, escondendo assim qualquer tipo de imperfeição.

Esta técnica foi utilizada em pratos, malgas, candeias, alguidares, púcaros e jarros de mesa.

Tal fenómeno encontra-se bem visível nos inúmeros trempes recolhidos. Estes apresentam duas tipologias distintas: trempes de três garras e trempes em forma de hélice.

O vidrado aplicado é plumbífero de tons verde e melado. Por vezes surgem peças onde se apresentam as duas tonalidades.

Quanto à cronologia, as tipologias apresentadas são datáveis dos finais do século XV e primeira metade do século XVI – de acordo com o que disse Cláudio Torres, para os materiais da olaria da Mata da Machada.

7. DESCRIÇÃO FORMAL DAS PEÇAS

As entulheiras dos Fornos de Santo António da Charneca ofereceram tipologias muito diversas, dado que estamos perante um importante conjunto de rejeitados, proveniente de várias cozeduras.

A diversidade de formas, é sinónimo de mudança de mentalidades. Na Europa, despontam manifestações estéticas com carácter prático, em que o comer e o estar à mesa, proporcionam novas práticas de higiene e sociabilização que atingiriam o seu ponto alto nos séculos XVII-XVIII.

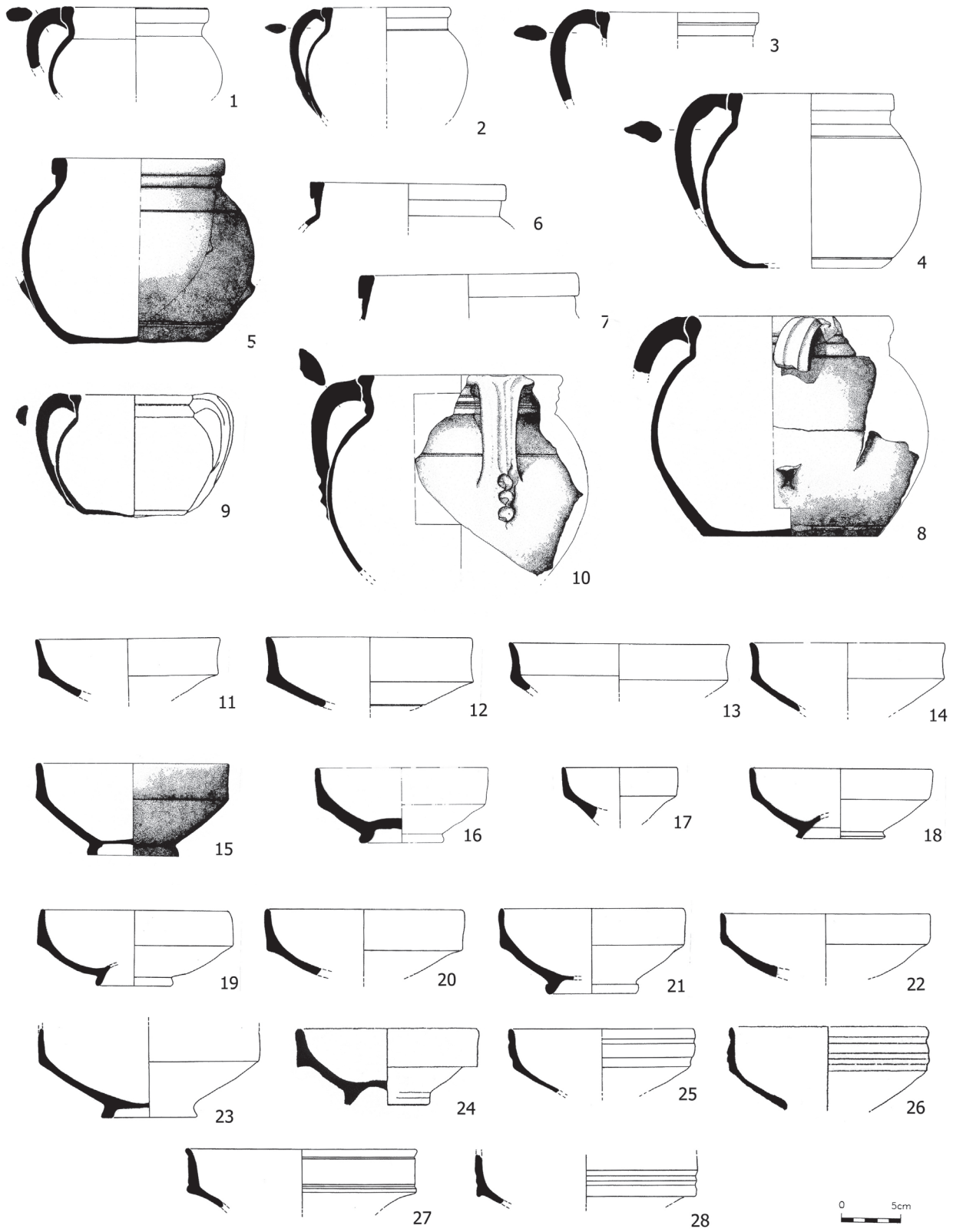
Da mesa medieval, em que todos os convivas se serviam da comida com as mãos, do recipiente comum, lavando-a assim à boca, passamos gradualmente a uma atitude individual, em que os objectos ganham progressiva importância, aliando-se aos aspectos práticos, o gosto e o requinte.

Estamos perante modificações muito profundas, no modo de preparar e servir os alimentos. A descoberta de “novos mundos”, com a consequente introdução de espécimes até então desconhecidos, vem forçosamente alterar os hábitos alimentares e revolucionar as práticas gastronómicas. Estes processos, embora lentos, dadas as resistências de carácter social, acabaram por se impor por força do costume, a que também não terá sido alheia a “contaminação” pelas ideias e o desejo de imitação.

Panelas

Um dos conjuntos mais significativos deste espólio, é o das panelas. Podemos observar três tipos, que embora apresentem corpo globular de base achatada, possuem bordos diferenciados. As mais comuns oferecem bordos de secção quadrangular (n.ºs 1 a 7) mas também se observam bordos espessados (n.º 8), bem como dois bordos com lábio direito e secção triangular (n.ºs 9-10). Dentro desta forma, uma panela de bordo subtriangular, apresenta sob a asa, três marcas digitadas, indicando medida de capacidade. Nalguns casos as panelas possuem duas asas finas de secção oval.

Podemos encontrar paralelos para estes exemplares em Almada (Sabrosa; 1994, p. 40); Cascais (Cardoso, e Encarnação; 1990, Estampa VII), Cascais (Cabral, Cardoso e Encarnação, 2009, p. 237 e 239), Madeira (Souza, 2003); Mata da Machada (Torres, 1985, p. 293-296); (Torres, s/d, Mata da Machada – Barreiro); Évora (Teichner, 2003, p. 509-520); Machico (Souza, 2006, p. 131); Cascais (Cardoso e Rodrigues, 1999, p. 201); Peniche (Venâncio, 2006, p. 82, fig. 5); Castelo Novo (Silvério e Barros, 2005, p. 153); Castelo de Penamacor (Silvério, Barros e Nunes, 2011, p. 214) e Palmela (Fernandes e Carvalho, 1997, p. 290).



2. Panelas e malgas.

Malgas

Também as malgas se encontram bem representadas neste contexto. São taças carenadas, com diâmetros variáveis e pé destacado. Apresentam bordos côncavos (n.ºs 11 a 15), direitos (n.ºs 16 a 24), ou ainda com nervuras, (n.ºs 25 a 28), tal como os exemplares dos fornos da Mata da Machada.

Esta forma mostrou ser muito comum no nosso território. Encontramos malgas em Alcoutim (Catarino, 1997, p. 161-177), Casal do Geraldo (Cardoso e Encarnação, 1990, Estampa X); Cascais (Cardoso e Rodrigues, 1999, p. 193-212); Palmela (Fernandes, 2004); Palmela (Fernandes e Carvalho, 1995, p. 245); Alenquer (Cardos, Gomes e Rodrigues, 2001, p. 1-9); Évora (Teichner, 2003, p. 509-520); Mata da Machada (Torres, 1985, p. 293-296); Cascais (Cabral, Cardoso e Encarnação, 2009, p. 203-41) e Machico (Sousa, 2006, p. 108 e 137).

Pratos

Os pratos, loiça de mesa, eram peças vidradas, como o demonstram os fragmentos em vidro melado, e os exemplares em chacota. Apresentam diâmetros diversos e duas variantes dentro da mesma tipologia; uma forma com aba horizontal (n.ºs 29 a 32) e outra com aba oblíqua (n.ºs 33 e 34). Todos os exemplares apresentam ressaltos no interior.

Voltamos a encontrar esta forma na Mata da Machada (Torres, 1985, p. 293-296); Alcoutim (Catarino, 1997, p. 161-177); Alenquer (Cardoso, Gomes e Rodrigues, 2001, p. 1-9); Cascais (Cabral, Cardoso e Encarnação, 2009, p. 203-241); Vila Franca de Xira (Mendes e Pimenta, 2005, p. 58, n.º 51); Machico (Sousa, 2006, p. 126).

Tigelas

Outra forma bem datada cronologicamente é o conjunto de tigelas. Tal como na Mata da Machada, predominam três tipos, um com bordo boleado, depressão bem vincada, acentuadamente envasado e paredes com curvatura na parte superior (n.ºs 36-37). O segundo tipo apresenta um bordo boleado e espessado, paredes ligeiramente convexas e envasadas (n.º 38). No terceiro tipo, o bordo também é boleado, mas o corpo tem a forma de calote esférica (n.º 39).

Estas formas encontram-se presentes em Vila Franca de Xira (Mendes e Pimenta, 2005, p. 54); Mata da Machada (Torres, 1985, p. 293-296); Mata da Machada (Torres, s/d – Barreiro); Cascais (Cardoso e Rodrigues, 1999, p. 203); Casal do Geraldo (Cardoso e Encarnação, 1990, Estampa IX); Calçada de S. Lourenço, Lisboa (Diogo e Trindade, 2003, p. 212); Rua dos Correeiros, Lisboa (Diogo e Trindade, 2001, p. 22); Sobral de Monte Agraço (Gonçalves e Gonçalves, 1990, p. 85); Palmela (Fernandes e Carvalho, 1995, p. 246); Almada (Sabrosa, 1994, p. 41).

Escudelas

Esta forma apresenta escudelas de pegas e escudelas de asas horizontais com corpo em calote. São peças de ir à mesa, normalmente vidradas e muito agradáveis do ponto de vista estético. As pegas apresentam decoração elaborada, tal como o exemplar vidrado melado deste catálogo (n.º 40), enquanto as de pega horizontal, podem revelar perfuração (n.º 41).

Este último tipo surge na Mata da Machada (Torres, s/d, p. 7); Alcoutim, (Catarino, 2003, p. 170); Castelo Novo (Silvério e Barros, 2005, p. 179). As escudelas de pegas decoradas, estão presentes em Almada (Barros e Henriques, 2003, p. 142); Vila Franca de Xira (Mendes e Pimenta, 2005, p. 75); Machico (Sousa, 2006, p. 132); Alenquer (Cardoso, Gomes e Rodrigues, 2001, p. 2 e 4); Torres Vedras (Luna e Cardoso, 2006, p. 103); Castelo Novo (Silvério e Barros, 2005, p. 179); Palmela (Fernandes e Carvalho, 1997, p. 291); Cascais (Cabral, Cardoso e Encarnação, 2009, p. 239).

Testos

Trata-se de uma forma comum em todo o território, dada a sua utilização complementar, em painéis, cântaros, talhas, etc.

Os exemplares exumados, apresentam bordo espessado, com pitorra no centro. Alguns fragmentos de textos mostram que foram sujeitos a vidro plumbífero melado, sendo a maioria em cerâmica fosca (n.ºs 42 a 44).

Os paralelos para esta forma e cronologia encontram-se na Mouraria, em Lisboa (Diogo e Trindade, 1995, p. 264); Calçada de S. Lourenço, em Lisboa (Diogo e Trindade, 2003, p. 212); Palmela (Fernandes e Carvalho, 1995, p. 250); Casal do Geraldo (Cardoso e Encarnação, 1990, Estampa XI); Cascais (Cardoso e Rodrigues, 1999, p. 199); Cascais (Cabral, Cardoso e Encarnação, 2009, p. 238); Machico (Sousa, 2006, p. 95); Palmela (Fernandes, Carvalho, 1997, p. 291) e em Almada (Sabrosa, 1994, p. 40).

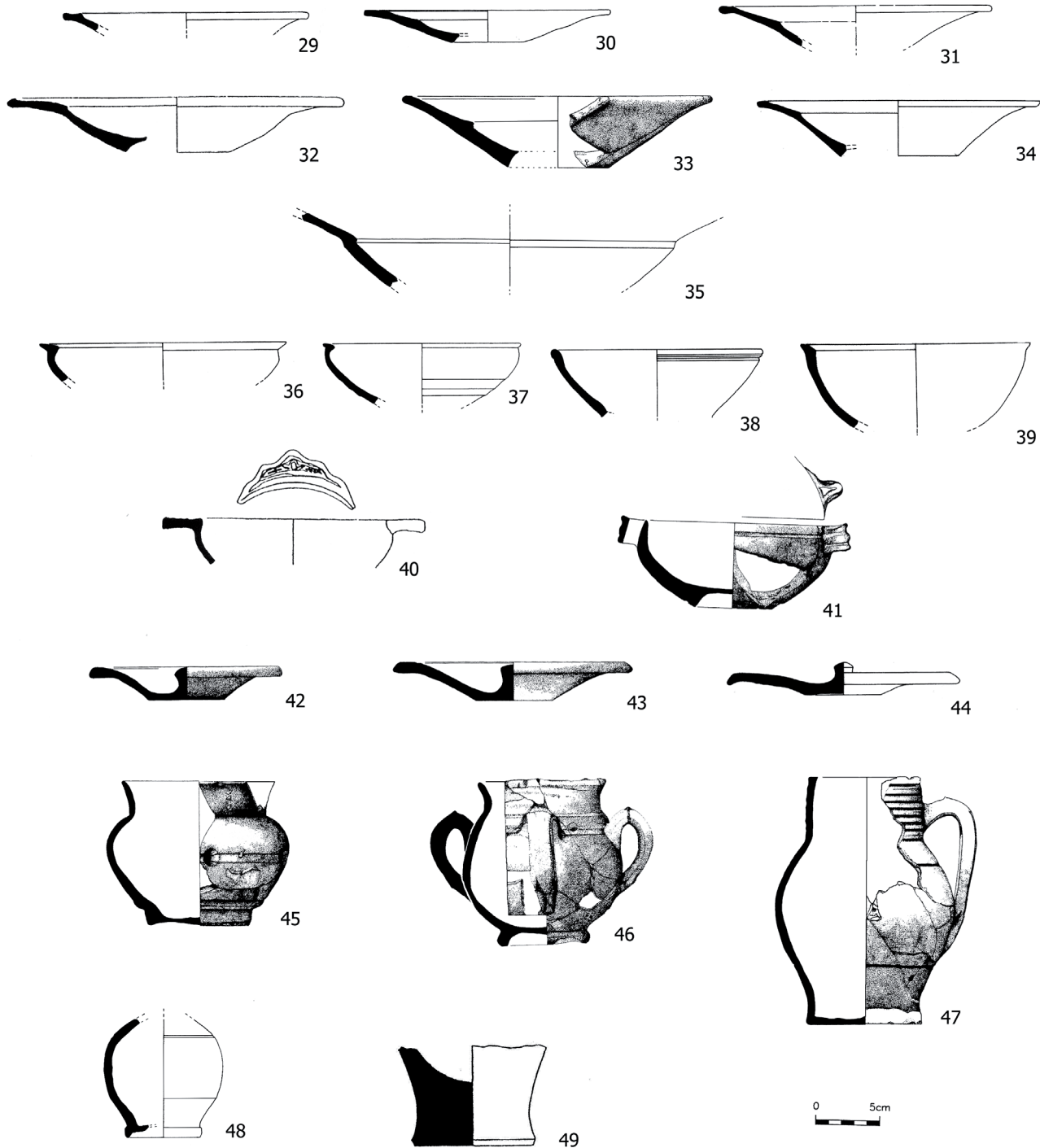
Púcaros e caneca

Estamos perante três peças de mesa com características muito interessantes, tendo em conta a cronologia em análise. Assim, a peça n.º 45, em chacota, apresenta pé em bolacha, bordo envasado com lábio boleado e corpo globular. A meio deste, observam-se depressões digitadas, a espaços regulares, interceptadas por duas incisões paralelas, horizontais. A peça n.º 46 é um púcaro com vidro plumbífero verde na superfície externa e melado na interior. Com quatro asas de secção oval, corpo globular e pé destacado, apresenta paralelos formais com um exemplar de Manizes, datado do século XV (Sandão, s/d, p. 34). Esta técnica, encontramos-la principalmente em contexto islâmico, sendo por isso, dada a

distância temporal, um caso em que técnicas medievais prevaleceram, possivelmente, através de mão-de-obra especializada oriunda do território vizinho. A peça n.º 47 é uma caneca para ir à mesa, com vidro plumbífero verde no exterior e melado no interior. O bordo é direito com lábio plano, apresentando nervuras e possuindo uma asa de secção oval.

Almotolia

Uma peça também em vidro melado, de ir à mesa, com pé destacado, sem bordo nem asa, seria utilizada como contentor de azeite (n.º 48).

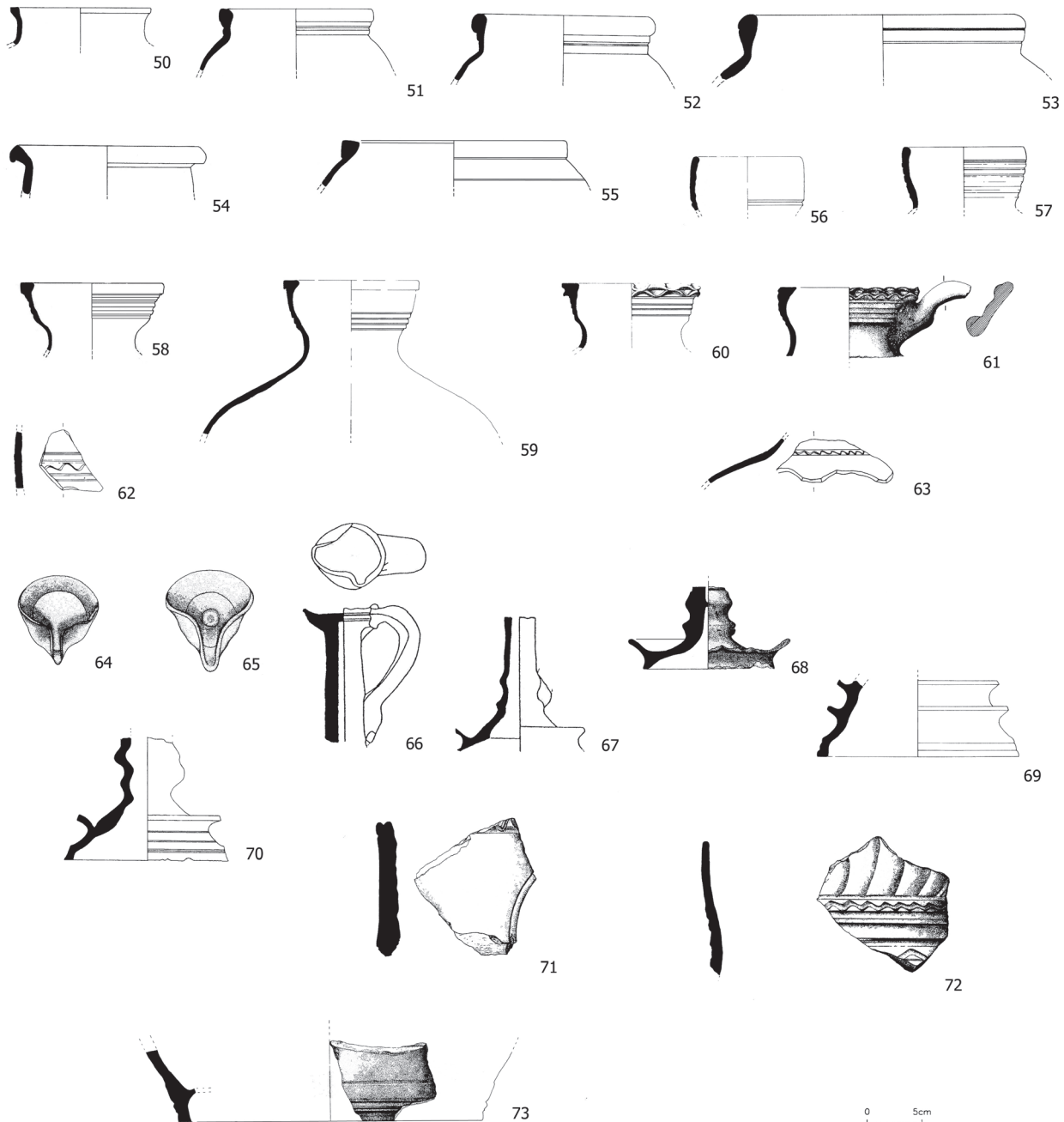


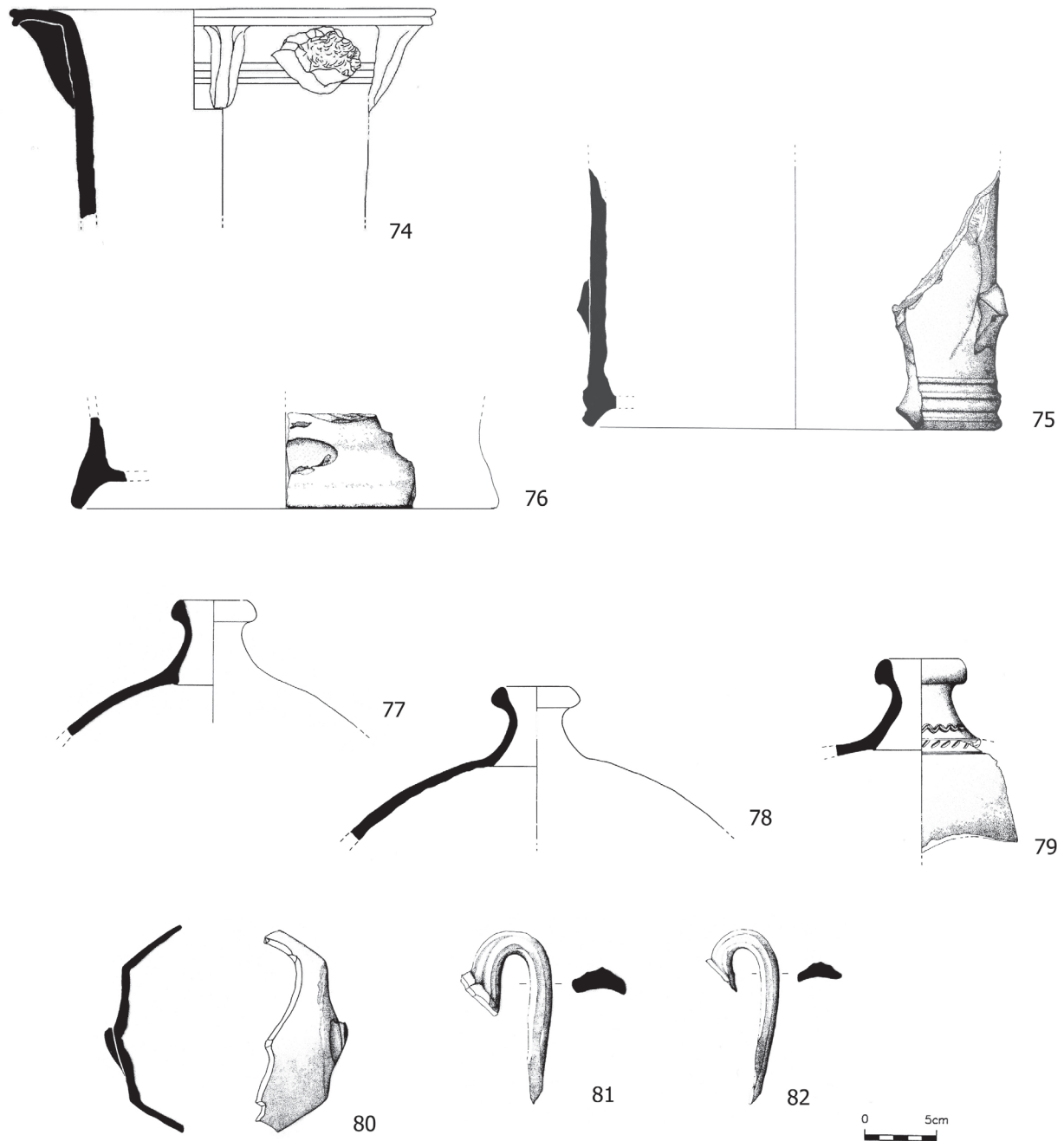
Almofariz

A peça n.º 49 corresponde a uma base de almofariz. Trata-se de um recipiente de uso culinário, utilizado para triturar ou esmagar alimentos ou condimentos. Podemos encontrar paralelos para este fragmento em Alenquer (Cardoso, Gomes e Rodrigues, 2001, p. 8).

Potes

Duas tipologias estão presentes nos fornos de Santo António da Charneca. A peça n.º 50 apresenta bordo de secção quadrangular e lábio plano, enquanto as peças n.º 51 a 53, apresentam bordos curtos, espessos e arredondados, decorados com caneluras.





5. Bisposes e barris.

Em relação a estes últimos, encontramos paralelos em Castelo Novo (Silvério e Barros, 2005, p. 151); Alenquer (Cardoso; Gomes e Rodrigues, 2001, p. 8); Vila Franca de Xira (Mendes e Pimenta, 2005, p.82) e Sobral de Monte Agraço (Gonçalves e Gonçalves, 1990, p. 84).

Talha

A peça n.º 54, corresponde a um fragmento de bordo de talha, com bordo em aba. Trata-se de um contentor de líquidos, com grande bojo e bordo estreito. Esta forma encontra-se presente em Montemor-o-Novo (Ribeiro, 1984).

Atanor

Esta tipologia encontra-se representada através de um bordo de secção subquadrangular, com lábio plano (n.º 55). Poderiam funcionar como contentor de líquidos. Um conjunto de atanores, do século XVI, foi registado em Montemor-o-Novo (Ribeiro, 1984, p. 39 e 40).

Bilhas

Também as bilhas se apresentam bem representadas em Santo António da Charneca. Das duas formas analisadas, dois exemplares podemos classificar como

infusas (n.ºs 56-57). O bordo vertical, com algumas caneluras como decoração, possui lábio boleado e arredondado. A segunda forma, apresenta três exemplares com bordo sub quadrangular extrovertido (n.ºs 58 a 60), e outro, com bordo subtriangular e asa de secção em fita. Em todos os exemplares, o colo é estrangulado e decorado com finas caneluras, possuindo os exemplares correspondentes aos n.ºs 60 e 61, decoração digitada junto ao lábio. A primeira forma, tem paralelos no Casal do Geraldo (Cardoso e Encarnação, 1990, Estampa VI). As restantes peças surgem na Calçada de São Lourenço, Lisboa (Diogo e Trindade, 1999, p. 211).

Os fragmentos n.ºs 62 e 63, correspondem a paredes de bilhas, apresentando pequenas bandas, constituídas por finas caneluras e decoração ondulada. Encontramos paralelos para as infusas no Poço dos Paços do Concelho em Torres Vedras (Luna e Cardoso, 2006, p. 106) e em Cascais (Cardoso e Rodrigues, 1999, p. 20).

Candeias

Em relação aos contentores de fogo, registamos duas formas. A primeira, mais antiga, possui reservatório aberto para colocação de azeite e bordo trilobado (n.ºs 64-65). Temos paralelos na Mata da Machada (Torres, 1985, fig. 12); Castelo Novo (Silvério e Barros, 2005, p. 173); Palmela (Fernandes e Carvalho, 1997, p. 290).

Quanto à segunda forma, trata-se de uma candeia de pé alto ou palmatória (n.ºs 66 a 70). O bordo da peça n.º 66 é trilobado e o pé, vertical, com volutas, tinha uma asa. As bases, com diversos diâmetros, apresentam um reservatório para conter a cera ou o óleo que escorria da queima. Os exemplares estudados são peças revestidas com vidrado plumbífero verde.

Um fragmento correspondente a esta última tipologia foi registado em Vila Franca de Xira (Mendes e Pimenta, 2005, p. 83).

Fogareiros

Apesar de não possuímos exemplares completos desta tipologia, são muitos os fragmentos de fogareiros, principalmente os que correspondem às suas bases (n.º 73) e alguns fragmentos de paredes (n.ºs 71-72).

Não foram encontrados paralelos para estas formas e decoração.

Bispotes

Em relação ao conjunto de bispotes, os exemplares encontrados nestes vazadouros, apresentam paredes verticais, com arranque de asa, base destacada e decorada com nervuras. A aba larga, com lábio bífido, é sustentada por quatro contrafortes. São peças em chacota que seriam certamente vidradas posteriormente (n.ºs 74 a 76).

Barris

Por último, apresentamos um conjunto de fragmentos correspondentes a barris. Estes contentores de água, possuíam duas asas sobre elevadas a fim de puderem ser pendurados.

Registaram-se exemplares de várias dimensões e embora possamos estabelecer paralelos com os barris dos fornos da Mata da Machada, os das entulheiras de Santo António da Charneca, apresentam-se com forma oblonga e achatada (n.ºs 77 a 82).

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após os trabalhos por nós efectuados em Santo António da Charneca, confirmou-se a existência de fornos de cerâmica que terão laborado nos séculos XV-XVI; o primeiro destruído pela urbanização e o segundo, aguardando condições para ser estudado.

Dado que ainda decorre o estudo do espólio cerâmico das entulheiras dos fornos de Santo António da Charneca, revertemos as conclusões finais sobre o mesmo para próxima publicação. Contudo, a análise dos materiais efectuada até ao momento, permite-nos avançar com resultados concisos quer no que respeita ao período cronológico, quer da sua importância, no contexto económico da região.

Esta olaria, é bem representativa das produções cerâmicas que forneciam a região de Lisboa, não só devido à abundância de matéria-prima, mas também porque a sua localização excepcional, facilmente permitia o escoamento das mesmas.

Datadas cronologicamente dos finais do século XV e primeira metade do século XVI, as produções cerâmicas demonstraram grande variedade tipológica. Para além da loiça doméstica fosca, estes fornos produziram significativas produções de loiça de mesa vidrada, pretendendo assim satisfazer gostos mais requintados, sinónimo de uma certa classe com poder de compra, dado que as peças vidradas eram mais dispendiosas.

Queremos realçar o facto de estes fornos se encontrarem inseridos numa dinâmica produtiva que resultou na importação de novas técnicas de fabrico, como foi o caso dos azulejos de aresta de influência Sevillhana (Meco, 2003, p. 305-307). Por outro lado, as produções de formas de "pão de açúcar", evidenciam a importância da indústria açucareira neste período, desconhecendo-se no entanto o destino das mesmas, dado que seria necessário analisar as formas, de acordo com os centros produtores de açúcar nesta época (Cardoso, 2006, p. 34-45).

Neste contexto, têm relevância os fornos de biscoito do Vale do Zebro e a sua localização. Não deixa de ser significativa a produção das placas de biscoito

nos fornos de Santo António da Charneca. Entre vários fragmentos, dois exemplares com decoração. Uma delas, com alusão directa à sua funcionalidade apresenta a palavra “Pan”, demonstrativo da diversidade formal produzida nesta olaria.

Assim, se a Santo António da Charneca juntarmos as produções da Mata da Machada, estudada pelo Dr. Cláudio Torres, bem como as formas do Pinhal das Formas, no concelho da Moita – igualmente referidas

por aquele arqueólogo – poderemos concluir, estarmos perante uma concentração de manufacturas de produção cerâmica que explorando a abundância de argila e lenha desta região, abasteceu mercados regionais, carentes de loiça de uso doméstico e artefactos de uso “industrial”, nalguns casos vocacionados, como ficou demonstrado, para uma nova realidade: a dinâmica da expansão.

BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO, T.M. (1982) – *O Sinclinal de Albufeira*, Dissertação Doutorado em Geologia, Departamento de Geologia, Faculdade de Ciências de Lisboa. Lisboa, p. 45-293.
- BARREIRA, P.; DORDIO, P. e TEIXEIRA, R. (1995) – Antigas Casas da Alfândega Velha e da Moeda do Porto – 200 Anos de Cerâmica na Casa do Infante: do século XVI a meados do século XVIII. In *Actas das 2.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela, p. 145-184.
- CABRAL, J. P.; CARDOSO, G. e ENCARNÇÃO, J. d’ (2009) – Sondagem Arqueológica no Palácio dos Condes da Guarda. In *A Casa dos Azulejos de Cascais. De Palácio dos Condes da Guarda a Paços do Concelho*. Câmara Municipal de Cascais. Cascais, p. 203-241.
- CARDOSO, G.; BARROS, L. e GONZALEZ, A. (1997) – Primeira notícia do forno de Santo António da Charneca – Barreiro. In *Actas das 3.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela, p. 295-307.
- CARDOSO, G. e ENCARNÇÃO, J. d’ (1990) – Uma sondagem de emergência no Casal do Geraldo – Cascais Estoril, *Boletim Cultural do Município da Câmara Municipal de Cascais*. Cascais, 9, p. 45-62.
- CARDOSO, G.; GOMES, J. F. e RODRIGUES, S. (2001) – Aspectos da produção de cerâmicas vidradas em Alenquer, durante o século XVI, *Arqueologia no Distrito de Lisboa. Alenquer, Cadaval e Cascais*. Assembleia Distrital de Lisboa. Lisboa, p. 1-8.
- CARDOSO, G. e RODRIGUES, S. (1999) – Tipologia e cronologia de cerâmicas dos séculos XVI, XVII e XIX encontradas em Cascais. *Arqueologia Medieval*. 6. Porto, p. 193-212.
- CARVALHO, G. de (1967) – *Significado Geológico dos Mineiros das Argilas. Naturália*, Vol. IX, Fasc. III-IV. Lisboa.
- CATARINO, H. (1995) – Cerâmicas da Baixa Idade Média e de inícios do período moderno registadas no castelo da vila de Alcútem. In *Actas das 3.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela, p. 161-177.
- DIAS, J. J. A. (1988) – *Nova História de Portugal*, Vol. V, *Portugal – do renascimento à crise dinástica*. Lisboa, Editorial Presença, p. 29-31.
- DIOGO, A. M. D. e TRINDADE, L. (1998) – Intervenção Arqueológica da Rua João do Outeiro, nº 36 – 44, na Mouraria, em Lisboa. In *Actas das 3.ªs Jornadas, de cerâmica Medieval e Pós Medieval*. Tondela, p. 257-265.
- DIOGO, A. M. D. e TRINDADE, L. (2000) – Cerâmicas de barro vermelho, encontradas em entulhos do terramoto de 1531, na intervenção arqueológica da Rua dos Correeiros, Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 3: 2, p. 201-235.
- DIOGO, A. M. D. e TRINDADE, L. (2001) – Intervenção Arqueológica de emergência na Rua dos Correeiros, Baixa de Lisboa. As sondagens n.º 3, 11, 26 e 27. *Arqueologia e História*. 53. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa, p. 15-33.
- DIOGO, A. M. D. e TRINDADE, L. (2005) – Cerâmicas de Barro Vermelho da intervenção arqueológica na Calçada de S. Lourenço, n.º 17/19, em Lisboa. In *Actas das 3.ªs Jornadas, de cerâmica Medieval e Pós Medieval*. Tondela, p. 203-213.
- FERNANDES, I. C. (2004) – *O Castelo de Palmela, do islâmico ao cristão*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, Colibri, p. 354.
- FERNANDES, I. C. e CARVALHO, A. (1997) – Intervenção Arqueológica na rua de Nenhures (Área Urbana de Palmela). In *Setúbal Arqueológica*, 11-12, p. 279-295.
- FERNANDES, I. C. e CARVALHO, A. (1998) – Conjuntos Cerâmicos Pós – Medievais de Palmela. In *Actas das 2.ªs Jornadas, de cerâmica Medieval e Pós Medieval*. Tondela, p. 211-255.
- GOMES, M. V. e GOMES, R. V. (1991) – Cerâmicas vidradas e esmaltadas dos séculos XIV, XV e XVI do poço-cisterna de Silves. In *A cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*. Lisboa. Campo Arqueológico de Mértola, p. 457-490.
- GOMES, M. V. e GOMES, R. V. (1996) – Cerâmicas vidradas e esmaltadas, dos séculos XIV, XV e XVI, do Poço-cisterna de Silves. *Xelb*. 3. Silves, p. 143-205.
- GONÇALVES, J. L. M. e GONÇALVES, J. (1990) – Escavação Arqueológica no Salvador (Sobral de Monte Agraço), Campanha de 1987. *Revista de Arqueologia*. Assembleia Distrital de Lisboa. 1, p. 77-88.
- LUNA, I. e CARDOSO, G. (2004) – Nota preliminar sobre as cerâmicas provenientes do Poço dos Paços do Concelho de Torres Vedras. *Actas do 3.º Seminário do Património da Região Oeste*. Cadaval, p. 99-112.
- MOITA, I. (1960) – Hospital Real de Todos os Santos. *Revista Municipal de Lisboa*, 102-103-104.
- NABAIS, A. (1984) – A margem sul do estuário do Tejo durante a expansão portuguesa – aspectos económicos. *Al-madan*. Almada. 1.ª Série, 2, p. 47 a 65.

OLIVEIRA, N. (1620) – *Livro das Grandezas de Lisboa*. Lisboa, p. 86 a 89.

OSÓRIO, M. I. N. A. P. e SILVA, A. M. S. P. (1995) – Cerâmicas Vidradas da Época Moderna no Porto. In *Actas das Segundas Jornadas, de cerâmica Medieval e Pós Medieval*. Tondela, p. 283-314.

RIBEIRO, M. (1984) – Olaria de uso doméstico na arquitectura conventual do século XVI, *Cadernos de Etnologia*, 1, Montemor-o-Novo.

RODRIGUES, T. F. (1993) – dir. José MATTOSO, *História de Portugal*, vol. 3, *População e Economia*. Lisboa, Círculo de Leitores, p. 203.

SABROSA, A. (1994) – Cerâmicas quinhentistas do Palácio Pragana. *al Madan*. 2.ª Série, 3, p. 38-44.

SANDÃO, A. (s/d) – *Faiança Portuguesa – Séculos XVIII-XVIII*, p. 34.

SILVÉRIO, S. e BARROS. L. (2005) – *Arqueologia no Castelo da Aldeia Histórica de Castelo Novo (2002 – 2004). Resultados Preliminares*. Câmara Municipal do Fundão, p. 229.

SILVÉRIO, S.; BARROS. L. e NUNES, D. (2011) – Arqueologia no Castelo de Penamacor – Cimo de Vila. A Alcáçova e o Cemitério. Resultados das campanhas de 2004 a 2006. In *Arqueologia Medieval*, 11 Porto, p. 195-223.

SOUSA, É. (2006) – *Arqueologia da cidade do Machico. A Construção do Quotidiano nos Séculos XV, XVI, e XVII*. CEAM – Centro de Estudos de Arqueologia Moderna e Contemporânea.

TEICHNER, F. (2003) – Dois conjuntos de cerâmica quinhentista, provenientes do Convento de S. Domingos e do claustro da Igreja de S. Francisco, em Évora (Alentejo). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6, 2, p. 501-520.

TEIXEIRA, C. e GONÇALVES, F. (1980) – *Introdução à Geologia de Portugal*. Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa, p. 165-214.

TORRES, C. (s.d.) – *Um forno Cerâmico dos séculos XV-XVI na cintura industrial de Lisboa – Mata da Machada – Barreiro*. Câmara Municipal do Barreiro.

TORRES, C. (1985) – 1383-1385 e a Crise Geral dos Séculos XIV-XV. In *Jornadas de História Medieval*. Lisboa, p. 293-303.

ZBYSZEWSKI, G. (1963) – *Carta Geológica Arredores Lisboa e Notícia Explicativa. Escala 1/50.000*. Serviços Geológicos Portugal. Lisboa, p. 5-12.

DOCUMENTO ELECTRÓNICO

VENTURA, A. G. (2009) – «A Outra Banda» e a Expansão Portuguesa: O contributo dos fornos do Biscoito de Vale de Zebro. Disponível em WWW: (marinha.pt/PT/amarinha/actividade/.../02JUN09%201.pdf)